

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV  
Curso de Pós-graduação Especialização **Lato Sensu** em Turismo e  
Desenvolvimento Sustentável

## **Ecoturismo e Sustentabilidade das Populações Locais**

Maria do Socorro dos Santos Barros

Artigo apresentado para a  
conclusão do Curso de Turismo e  
Desenvolvimento Sustentável.



Jacobina – Bahia  
2003

**UNEB - DEP. IV – JAC**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**Ecoturismo e Sustentabilidade das Populações  
Locais**

Maria do Socorro dos Santos Barros

Jacobina – Bahia  
2003

## **Agradecimentos**

Gostaria de compartilhar minha comemoração com todos os educadores que consolidaram essa proposta ao transformarem este artigo num instrumento de formação científica e cultural.

Um agradecimento muito especial aos orientadores Professora Dr<sup>a</sup>. Benedita Pereira de Andrade e Mestre Paulo d'Ávila Fernandes, pelo competente e dedicado trabalho de revisão de texto para a realização deste artigo.

Maria do Socorro dos Santos Barros

## Sumário

<b>Resumo</b>	<b>5</b>
<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>Metodologia</b>	<b>6</b>
<b>O Surgimento do Ecoturismo</b>	<b>6</b>
<b>O Ecoturismo com um Fenômeno Mundial</b>	<b>8</b>
<b>A Funcionalidade das Diretrizes Ecoturísticas</b>	<b>10</b>
<b>Ecoturismo e Sustentabilidade das Populações Locais</b>	<b>10</b>
<b>Conclusão</b>	<b>13</b>
<b>Referências</b>	<b>14</b>

## Resumo

O ecoturismo não deve ser visto meramente como programas com atividades (caminhadas, observações da fauna e da flora) ligadas ao meio ambiente natural, em geral amadoras, onde os participantes mantêm contato com a natureza, mas encarado como um segmento de atividade turística que explora de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e desenvolvimento e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. Este estudo tem como referencial o envolvimento das populações locais e sua exclusão dos planos e programas governamentais que não oferecem maiores oportunidades para a comunidade nos melhores postos de trabalho.

## Introdução

A designação de 2002, como “Ano Internacional do Ecoturismo” pela Organização das Nações Unidas (ONU) constitui o reconhecimento da importância ambiental, social e cultural que este segmento da atividade turística está adquirindo no mundo, e ressalta a necessidade de refletir sobre este importante complexo fenômeno global, cujas repercussões nas instâncias econômica, política, social e cultural, são de grande magnitude.

A difusão de metodologias e técnicas para o planejamento, gestão, regulamentação e controle do ecoturismo, garantindo sustentabilidade em prazos longos inicia-se com uma antevisão do futuro, como forma de prepará-lo a partir de ações no presente. A intensa dinamicidade do mundo moderno faz com que em algumas regiões, as cidades transformem-se em questões de anos com mudanças por vezes radicais de cenários e pouca consideração com a proteção e preservação das populações e sítios históricos. Garantir a qualidade do produto turístico da administração do patrimônio histórico e cultural; adequar o presente à necessidade de crescimento e desenvolvimento, com valorização aos ecossistemas existentes com a proteção adequada às reservas naturais e prever o futuro, com o sentido de constância de propósitos, iniciando hoje o que se almeja para o amanhã.

O presente trabalho não se apóia em nenhum referencial empírico em particular, conquanto numerosos exemplos e a lembrança de situações concretas tenham lastrado as ponderações e ressalvas de alcance pretendidamente bastante geral. Trata-se aqui de fornecer informações teórico-conceituais e metodológicas que poderão trazer o maior conhecimento e incentivo a pesquisa que dá título ao artigo.

## **Metodologia**

Para atingir os objetivos visados, utilizamos nesta pesquisa técnicas qualitativas tais como: revisão da leitura, análise documental e observação das populações locais na Ilha do Caju, Delta do Parnaíba (Piauí) exemplo de preservação permanente.

Como complemento a observação e à análise documental foram realizadas excursões científicas ao Delta do Rio Parnaíba em 1999 e 2000 com o objetivo de conhecer a fauna e a flora, conservação e sustentabilidade em áreas de manguezal; conhecimento dos demais projetos de pesquisa sobre o mesmo tema tais como: Os pescadores de Cajueiro da Praia, Estuário do Rio Ubatuba, Estudo do Piauí: Características Sociais e Relações com o Ecossistema; Potencial dos Manguezais da Bahia de Turiaçu para o Desenvolvimento do Ecossistema na Amazônia Maranhense: Indicadores sócio ambientais; palestras intituladas: “Manguezal: Preservação ou uso Sustentável? Desafio Frente ao processo de Ocupação Induzido pelo Turismo”; “Ecoturismo e Desenvolvimento Sustentável”; “As populações Tradicionais como Protagonistas dos Manguezais – O Papel da Educação Ambiental”; e um Encontro de Educação Ambiental em Áreas de Manguezais, Parnaíba-Piauí em 2000, abordando questões ambientais como: Identidade Cultural e Educação Ambiental, Legislação Ambiental – Proteção dos Manguezais, etc., visando a concretização do presente trabalho.

## **O Surgimento do Ecoturismo**

A capacidade do homem de transpor seu próprio território e lançar-se em busca de novos lugares é prática que se confunde com a própria existência humana. Segundo

Becker (1996, p. 162), os homens, na procura de melhores condições de vida e segurança, aliados ao gosto pela aventura e domínio, desbravaram os mais variados e remotos lugares.

O acúmulo de capitais ainda conforme Becker (1996, p. 182) foi de suma importância para o desenvolvimento do turismo. Em plena consolidação capitalista, já no século XX, nos países industrializados, avoluma-se uma classe média trabalhadora que, possuindo algum tempo livre, é induzida ao consumo, contribuindo para o incremento do turismo. E é em 1930, que as agências de turismo começaram a surgir no mercado de trabalho oferecendo variadas opções de viagens, especialmente para as praias da moda, passando a construir o que se denomina **turismo de massas**.

Muito praticado na década de 50, esse estilo de turismo foi identificado, tendo como principais pólos as praias de Punta Del Leste, na Argentina, as praias da Costa dos Estados Unidos, as do Norte no Mar Mediterrâneo europeu, e também a praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, no Brasil.

**O turismo de massas** foi tomando volume com a demanda de grandes hotéis e restaurantes, transportes e sistema viários rápidos, transportando cada vez mais pessoas num mesmo local e mesmo espaço de tempo, afetando, em alguns locais, a capacidade de carga máxima. Nesta condição, como bem explica Rodrigues (1996, p. 61), ocorre que “ocupar densamente uma área, implica alterar condições anteriores, e degradar as condições originais”. Contraditoriamente, este estilo de turismo vai desfazendo o seu próprio atrativo.

No Brasil **o turismo de massas** foi bastante explorado. Este turismo apresenta duas vertentes, isto é, racional do ponto de vista financeiro e irracional com o consumo excessivo do ambiente visitado, sem dar importância a conseqüente degradação.

Mas, com o passar dos anos, o turismo modificou-se, diversificou-se e apresentou uma variedade de opções; diminuiu o turismo de praia, apareceram novos destinos com maior valoração cultural e ambiental, gerando nova e promissora tendência do mercado para o turismo de baixo impacto, celebrando os lugares mais distantes do agitado cotidiano urbano e iniciando, na década de 60, um estilo de turismo alternativo.

O ecoturismo explodiu no mercado das viagens e da conservação, porém seu nascimento é mais evolutivo que revolucionário. As bases do Ecoturismo encontram-se na natureza e no turismo ao ar livre. Os visitantes, que, há um século, chegaram em massa aos Parques Nacionais de Yellowstone e Yosemite foram os primeiros

ecoturistas. Os viajantes pioneiros que exploraram Serengeti na África, há 50 anos, e as aventuras andantes dos alpinistas que conquistaram Anapurna, em 1950. Mais tarde, 25 anos depois, essas pessoas eram tão amantes da natureza, quanto milhares que registraram pingüins na Antártida, acompanharam nas migrações em grupo de Belize ou pernoitaram nas habitações comunitárias dos nativos de Bornéu.

Preocupações com o futuro do meio ambiente e com melhores condições de vida e saúde foram trazendo questões novas. Nos anos 70, vários grupos organizaram-se em defesa do meio ambiente, como o **Green Peace** que foi o pioneiro de vários movimentos ambientalistas, inspirando a criação de várias outras Organizações Não-Governamentais (ONGs) em todo o mundo. Também na mesma época, surgiram os **hippies** cuja filosofia de vida estava na contra-mão do processo desenvolvimentista, adotando uma postura preservacionista; procurando sempre morar em lugares belos e selvagens, onde o sistema capitalista e a burocracia ainda eram irrelevantes. Essas pessoas foram muitas vezes pioneiras em ocupar lugares paradisíacos que, depois de terem acesso pela sociedade consumista, perderam muito de sua magia – como, por exemplo, podemos citar a praia de Arembepe, situada no Litoral Norte de Salvador, na Bahia.

Segundo Christaller (1963, p. 95), “estava nova postura em relação ao turismo surgiu, efetivamente, quando músicos, escultores, pintores e outros profissionais liberais isolados ou em pequenos grupos, dispuseram-se a explorar novos e primitivos lugares, fazendo destes locais constantemente visitados uma espécie de ponto de encontro. Essas pessoas conviviam em harmonia com a natureza respeitando-a e preservando-a”.

Na mesma época, no Brasil, muitos parques nacionais foram criados, não só com objetivos científicos, mas educacionais, recreativos e culturais. A criação pelo governo, dessas áreas protegidas viabilizou uma nova mentalidade de turismo ligado ao conhecimento, respeito e usufruto da natureza.

## **O Ecoturismo como um Fenômeno Mundial**

Cobra (1993, p. 180), “observa haver uma tendência atual no aumento da população de baixa renda, necessitando a implantação de estruturas de administração pública mais democráticas, participativas e de menor custo. Também é relevante o

aumento da população idosa, não só nos países desenvolvidos, como em todo o planeta. Para combater o **stress** da agitação da vida moderna, ganharão espaços as áreas de turismo e saúde, com ênfase no **turismo ecológico** e na busca do tratamento de saúde com base em alimentação mais sadia, balanceada e com menos incidência de química”.

Ainda segundo Cobra (1993), os deslocamentos serão mais facilitados, as distâncias encurtadas serão intensificadas; a miscigenação de raças tende a crescer, a globalização do mercado generaliza-se, os preços dos produtos e serviços tendem a baixar, a competitividade aumenta, garantindo também melhor qualidade e personalização, com a popularidade dos documentários televisivos sobre natureza e sobre viagens, assim como o interesse crescente de questões ligadas à conservação e ao meio ambiente.

Buscam-se, cada vez mais, produtos e serviços ambientalmente corretos, que garantem melhor qualidade de vida e de saúde; nas cidades aumenta-se a prática de atividades esportivas equilibradas, utilizando-se locais arborizados ou menos poluídos.

O turismo, de modo geral, já é uma das atividades ou “indústria sem chaminé” mais importante do mundo. De acordo com o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), o turismo é hoje a maior “indústria” do planeta, e, para 1993, a expectativa era de que gerasse, em nível mundial, mais de 3,5 trilhões de dólares o equivalente a 6% do Produto Nacional Bruto Mundial. A indústria de viagens e turismo emprega 127 milhões de trabalhadores (um em cada 15 trabalhadores em todo o mundo). Ao todo, a experiência é de que o turismo duplique até o ano de 2005. Em 1998, o turismo de natureza aproximadamente 7% de todos os gastos com viagens internacionais, segundo estimativas da Organização Mundial de Turismo (WTO, 1992). Portanto, este rápido panorama das tendências faz com que suponhamos ser o **ecoturismo** o estilo de turismo do futuro, um fenômeno característico do final do século XX e, tudo leva a crer, do século XXI, que sem dúvida tem crescido muito ultimamente, sendo tema de reuniões em várias regiões turísticas. Como por exemplo, no ano de 1992, houve em Belmopan, capital de Belize, país da América Central, a realização de um grande Congresso Mundial de Ecoturismo, quando na ocasião o termo foi definido como desfrute da natureza de forma ativa, com objetivo de conhecer e interpretar os valores naturais e culturais existentes em estreita integração e interação com as comunidades locais e com menor impacto sobre os recursos, sob a égide de apoiar os esforços dedicados a preservação e manejo das áreas naturais onde se desenvolvem, ou daquelas prioritárias para a manutenção da biodiversidade.

E para enfatizarmos a importância do crescimento do ecoturismo como um fenômeno mundial o Programa das Nações para o Meio Ambiente (PNUMA) e a Organização das Nações Unidas (ONU) para organizar a Agenda do Ano Internacional do Ecoturismo, que culminou em Quebec (Canadá), em maio de 2002, com a realização da **Cúpula Mundial do Ecoturismo**, em nível de chefes de Estado e Ministros de Turismo.

### **A Funcionalidade das Diretrizes Ecoturísticas**

A necessidade de divulgar as diretrizes elaboradas para proteger cenários ecológicos e culturais frágeis é atualmente maior do que nunca.

As diretrizes funcionam como um poderoso instrumento de comunicação para minimizar o impacto dos visitantes. Porém, há casos em que os órgãos federais, estaduais e municipais não oferecem nenhuma informação aos turistas.

Operadoras turísticas particulares, organizações ambientais, comunidades locais, associações profissionais, e até empresas aéreas desempenham uma função cada vez mais relevante na educação dos visitantes.

Criar diretrizes para os viajantes é fundamental para a elaboração de um plano ecoturístico. É uma forma positiva e eficaz para estimular as pessoas a se conscientizarem de seu próprio comportamento, serem viajantes responsáveis em termos ambientais, sociais e econômicos e a cooperarem para a conservação e para o desenvolvimento sustentável do turismo no planeta.

### **Ecoturismo e Sustentabilidade das Populações Locais**

Aqueles que o praticam afirmam que o ecoturismo é uma forma de ecodesenvolvimento que representa um meio prático e eficaz de promover o crescimento socioeconômico em todos os países. Tal afirmação pertence a retórica do que aos fatos. Alguns dos problemas mais significativos foram danos ecológicos, o valor da Vida Natural, o impacto negativo sobre a cultura local e a criação de dificuldades econômicas para o interesse da população local.

Embora esses problemas possam ser atribuídos a diversos fatores há, na literatura sobre o tema, alguns tópicos que justificam, porque o ecoturismo tem impulsionado o ecodesenvolvimento. O primeiro refere-se à ausência de empenho e de comprometimento político do governo para mobilizar – os recursos, humanos, financeiros, culturais e morais – garantem a integração dos princípios ecológicos com o desenvolvimento econômico. Outro tópico envolve a questão de que o turismo é, em geral, impulsionado por interesses variados de pessoas de fora da região. Como resultado, o turismo não se encontra estruturado de forma a satisfazer as necessidades locais, e os benefícios geralmente não permeiam na região, e finalmente a falta de integração das necessidades e preferências locais no processo de planejamento. O Plano de Desenvolvimento Turístico da Chapada Diamantina (Circuito do Diamante) é um exemplo que ilustra a problemática da falta de integração das necessidades e preferências das populações no processo de planejamento de ecoturismo.

Do ponto de vista estratégico, organizacional e empresarial, sabemos que este plano apresenta um modelo com grande possibilidade de dar certo; estando voltado para os investimentos privados adequando a realidade da política financeira atual, numa região de turismo promissor.

Trata-se de um projeto governamental, cuja estratégia desenvolvimentista encontra-se entre as premissas do Programa de Desenvolvimento Turístico (PRODETUR), por sua vez também inserido no Plano Nacional de Turismo e das políticas governamentais vigentes no país.

Do ponto de vista social, percebemos ser um modelo conservador, que não contempla o desenvolvimento da população local dentro de uma tendência microempresarial. Para a comunidade, resta apenas pequenas ocupações, que muitas vezes os melhores postos de trabalho são ocupados por pessoas mais especializadas que vêm de fora induzindo uma dinâmica migratória, dificilmente benéfica. A exclusão dos habitantes nos planos e programas é prática muito comum e encontra-se submetida a estrutura burocrática rígida, portanto de difícil mobilidade.

Observamos em seminários que participamos, no ano de 1998, em Jacobina, na Bahia, que estas pessoas quando são convidadas a comparecer às reuniões nas quais são colocadas as propostas dos projetos, sentem-se deslocadas. Elas nunca participam de maneira ativa dos incentivos financeiros empresariais para os programas de desenvolvimento regionais. A toda essa situação excludente soma-se o fato da comunidade ter o nível de conscientização, de esclarecimento e cultural geralmente

BIBLI  
R  
UNED  
-DA

precário, devido ao baixo nível de escolaridade associada à herança histórica da falta de estímulo à cidadania.

O envolvimento dos residentes na localidade significa dar as pessoas maiores oportunidades de participação efetiva nas atividades de desenvolvimento. Isso significa proporcionar condições para que elas mobilizem seu próprio potencial, sejam agentes sociais em vez de sujeitos passivos, gerenciar os recursos, tomem decisões e controlem as atividades que afetam suas vidas.

Existem centenas de áreas receptoras de turismo da natureza, mas raros são exemplos de comunidades, que prosperam na realização da dupla meta de desenvolvimento da comunidade e proteção ambiental. O ecoturismo é com frequência uma ponte para unir essas duas metas. Nos últimos anos, vários projetos têm explorado o turismo de natureza com a conservação ao desenvolvimento socioeconômico e dar condições às populações locais fontes de renda que não agridam os recursos naturais.

A descrição do projeto Ilha do Caju, Delta do Parnaíba (Piauí) dá uma idéia dos desafios de se implementarem tais iniciativas. O caso da Ilha do Caju reflete um dos melhores exemplos de preservação permanente.

A Ilha do Caju, no litoral do Piauí, que temos visitado, desde 1999, é uma experiência natural rara. De geração em geração, a Ilha resistiu intacta e acabou submetida às saudáveis iniciativas ambientalistas. Primeiro foi à criação de uma pousada com vários conceitos ecológicos, que limitam 26 visitantes por vez na Ilha. Em 1998, foi projetada a ONG Instituto Ilha do Caju de Ecodesenvolvimento e Pesquisa. Foram fomentados projetos ecoturísticos, à preservação, ao treinamento das populações locais e até mesmo a revitalização de antigos valores de cultura regional. A Ilha será zoneada em trechos inacessíveis (fechado até mesmo para pesquisa) e outras com turismo de baixo impacto. Áreas de mangues e mata de restinga já estão resguardadas à Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

Mais importante é trazer também a população dos entorno da Ilha para participar do projeto. Sem a integração de toda a comunidade, nenhuma idéia de desenvolvimento sustentável consegue ir a diante. Eles precisam saber que conservar também gera recurso.

## Conclusão

Não pode haver política de desenvolvimento do ecoturismo sem uma correspondente política ambiental, social e cultural. A criação das Áreas de Proteção Ambiental (APAs), baseadas no aproveitamento do turismo ecológico, somente é possível manter-se sustentável ao longo do tempo, se a comunidade for estimulada a participar, valorizar a cultura inclusive a culinária, incentivar a auto-estima, aumentar o nível educacional, inclusive alfabetizar, trazer novos hábitos de higiene de acordo com a realidade da comunidade, etc.

A motivação entre todos os setores da sociedade, desde o governamental, o militar até o científico e o acadêmico no sentido de se estabelecer um dialogo sobre alternativas para consolidar um movimento que represente verdadeiramente a política do ecoturismo e a sustentabilidade das populações locais. Uma política justa e sensata e uma economia equilibrada devem ter como meta fazer dos moradores locais sociais e benéficos da conservação.

## Referências

BECKER, Berta K. *Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil*. In: LEMOS, Amália T. G. (Org.) *Turismo: Impactos Sócio-Ambientais*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 182.

COBRA, Marcos et. al. *Transição 2000: Tendências, Mudanças e Estratégias*. São Paulo: Makron Books, 1993. p. 180.

CHRISTALLER, W. *Some Considerations of Tourism Location in Europe*. Papers of the Regional Science Association, n. 12, 1963, p. 15-105.

DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA NACIONAL DE ECOTURISMO. MIC/MMA, março de 1995.

RODRIGUES, Adyr A. B. (Org.). *Percalços do Planejamento Turístico: o Prodetur-NE Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 61.

**WORLD Tourism Organization (WTO)**. Yearbook of Tourism Statistics. Madrid, Spain, 1991.

**WORLD Travel an Tourism Council (WTTC)**. *Travel and Turism in the World Economy*. Report. Brussels, Belgium, 1992.